

## Entre a proximidade e o distanciamento: a sociabilidade entre famílias residentes em cortiços na cidade de São Paulo\*

### Between closeness and distance: sociability among families living in slums in São Paulo city

*Neide Maria de Almeida Pinto* \*\*

**Resumo:** Este artigo teve como objetivo analisar as formas de sociabilidades entre a vizinhança residente em cortiços situados em bairros das grandes metrópoles no Brasil. A pesquisa foi realizada com 28 famílias residentes na cidade de São Paulo, nos bairros da Sé, Mooca, Campos Elíseos e Vila Alpina. A análise procurou focar o lugar específico ocupado pelo grupo das famílias encortiçadas, que configura um território delimitado pelas diferentes identidades que o compõem. Subjacente à idéia de território, sobrepõe-se a idéia de pertinência, ou seja, cortiços enquanto territórios identitários – espaços coletivos de apropriação e de solidariedade, de intimidade cotidiana, de relações mais pessoais, do partilhar de carências, ou, de outro lado, por vezes se definindo como territórios não-identitários, não-relacionais ou não-históricos, os “não-lugares”, nos termos de Marc Augé.

**Palavras-chave:** Cortiço, vizinhança, sociabilidade, construção de identidades

**Abstract :** The purpose of this paper was to analyse the types of sociability among the neighborhoods living in slums located in districts of Brazilian metropolis. The research was carried out with 28 families living in São Paulo city, in the districts of Sé, Mooca, Campos Elíseos and Vila Alpina. The analysis focused on the specific place occupied by the group of families living in slums which represents a territory delimited by the diverse identities that constitute it. Underlying the idea of territory, the idea of pertinence is superposed, that is, slums as territories of identities - collective spaces of appropriation and solidarity, of daily intimacy, of shared privation, or, on the other hand, sometimes defined as non-identity, non-relational, non-historic territories, the “non-place”, in Marc Augé’s words.

**Key words:** Slums, neighborhoods, sociability, construction of identities

---

\* Essas análises fazem parte da tese de doutorado da autora na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no domínio das Ciências Sociais, a qual se intitula: “Entre a proximidade e o distanciamento – um estudo das relações sociais de famílias residentes em cortiços na cidade de São Paulo”. São Paulo, 2002. 178p.

\*\* Doutora em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP e Prof<sup>ra</sup>. do Departamento de Economia Doméstica, UFV, MG.

## 1. Introdução

A questão que norteou este trabalho se construiu a partir da busca por compreender como se dava a organização dos padrões de sociabilidade das famílias residentes em cortiço — um espaço extremamente marcado pelo estigma e segregação social. Interessava-me perceber de que forma, em condições tão precárias de vida e de intimidade devassada, se estabelecia a convivência, ao mesmo tempo familiar e “comunitária”. O espaço do cortiço trazia como incógnita para mim, de um lado, uma sociabilidade marcada pela luta diária, na disputa pelo mínimo indispensável – o espaço do banheiro, o uso da torneira em comum, a busca pelo silêncio etc., que geravam, enfim, um ambiente de disputas em virtude da exigüidade de espaço, como também pela permanente invasão da privacidade. Por outro lado, as classes populares são portadoras de um ethos muito marcado pela reciprocidade. Mas de que forma, em um meio físico marcado pela precariedade das condições de vida, seria possível reproduzir este traço cultural herdado de pais e avós que viviam em um contexto rural, no qual a terra ainda funcionava como um meio de produção, que ofertava alimentos, passíveis de serem incorporados no circuito da dádiva e contra-dádiva entre parentes, compadres e vizinhos? A situação de moradia em cortiço seria, então, reveladora de novos modelos de sociabilidade, revelados em outros critérios para o estabelecimento das trocas, os quais se configurariam a partir da condição situacional dos indivíduos e da forma como esta condição inconstante revelaria os trunfos que os mesmos teriam na negociação intra e inter familiar construída na rede de sociabilidade do espaço do cortiço?

A especificidade da moradia em cortiço se dá na medida em que a intimidade – a privacidade dos moradores – é freqüentemente invadida, dada a configuração dessas habitações, sendo constante-mente causa de tensões e conflitos. O público e o privado assumem formas bem distintas. O privado “vira” público. O que não quer dizer que existe coletividade no sentido de haver uma comunidade nesses espaços. Existe um partilhar de espaço que, na maioria das vezes, revela uma divisão incômoda, desagradável.

Na luta que os moradores enfrentam para resolver os seus problemas mais imediatos referentes à disputa pela utilização de áreas e equipamentos em comum – pias, tanques e banheiros, controle do horário para sua utilização, escala de limpeza das áreas em comuns, controle do silêncio etc., evidencia-se o drama social que é viver nesses espaços. Nesse quadro, elaborar-se-ia uma das questões deste estudo – qual seria, pois, o lugar das

relações associativistas dentro de um espaço de tantos conflitos e tensões, como o do cortiço?

A princípio, esperava-se que a “lógica da solidariedade”, do associativismo, conduzisse as ações nos espaços ocupados pelas classes populares, já que essa é uma antiga estratégia de sobrevivência, que, historicamente, tem sido usada pelos indivíduos de famílias pobres. No entanto, essa tendência parecia-me não se comprovar na rede de sociabilidade tecida nos cortiços escolhidos para o meu estudo. O que parecia existir, a princípio, era uma dificuldade crescente de associativismo ou de formação de grupos comunitários nesses grupos sociais. Além disso, os cortiços são espaços marcados tanto pela desigualdade social como pela diversidade – étnica e cultural. A idéia de “comunidade unificada” repassada pela mídia conseguiria se manter nos espaços dos cortiços enquanto uma realidade de fato? Ou, ao contrário, a comunidade do sentimento de pertinência estaria cada vez mais fragmentada, como estão o território, as relações de trabalho, o espaço urbano – sinais de uma sociedade globalizada, que tem como uma de suas conseqüências a fragmentação dos vínculos entre as pessoas?

Assim, a hipótese que sustentou a busca por compreender a forma como se configurava as relações intra e inter-famílias residentes em cortiços foi a de que, apesar de a rede de relações com vizinhos e parentes ser importante na vida de famílias com baixos rendimentos econômicos, seus integrantes também valorizam a autonomia e a privacidade. Assim, quando a autonomia e a privacidade são quebradas (situações frequentes nas condições de moradia do cortiço), ocorrem conflitos entre as famílias e, eventualmente, o rompimento dessas relações. Embora haja relações de conterraneidade, troca ou mesmo solidariedade, as relações mercantis tenderiam a prevalecer.

## **2. Construindo o campo de reflexão teórica**

Predomina nas análises das relações desenvolvidas em cortiço a consideração teórica deste como um espaço marcado pela segregação espacial e social, mas também de diversidade e multiplicidade culturais. As questões que envolvem esse território são interpretadas como não se restringindo às desigualdades sociais e econômicas, inerentes ao sistema capitalista, mas envolvendo, também, questões de etnicidade, alteridade, territorialidade, conterraneidade e cidadania, que estão imbricadas na construção e na permanência das

relações de sociabilidade, norteadas em grande medida as relações que são travadas no seu interior.

O referencial teórico foi construído a partir do pensamento de autores clássicos e contemporâneos que foram trazidos à reflexão com o intuito de se buscar compreender os aspectos variados da realidade multifacetada e complexa das relações sociais em cortiço. A incursão nas teorias de sociólogos clássicos como Durkheim, Simmel, Weber e Marx permitiram-me melhor entendimento dos vínculos sociais na família e na vizinhança e, principalmente, sua inclusão na sociedade mais ampla. A teoria de Durkheim permitiu-me vislumbrar como os laços sociais, sobretudo na família, podem se construir dentro de uma ordem moral. Por outro lado, deixou de enfatizar a perspectiva de classe indispensável à compreensão das estruturas sociais mais amplas. Como não me interessava construir uma perspectiva teórica que buscasse classificar a “essência” boa ou má da sociabilidade das famílias que viviam no cortiço, mas, antes, compreender a interpretação que estes sujeitos faziam de suas experiências de vida, resgatei na construção do meu campo teórico de análise, as reflexões de Simmel, uma vez que este autor possibilita vislumbrar os elementos individuais, psicológicos, espirituais e afetivos, das ações sociais. Neste mesmo sentido, a perspectiva Weberiana permitiu-me penetrar nos nexos explicativos das condições em que os residentes em cortiço estabeleciam seus propósitos e modos de agir, revelados nas ações racionais associadas a algum fim específico ou aos valores; ou aos propósitos relacionados à afetividade dos indivíduos; ou, ainda, aos propósitos para as relações econômicas, de cunho bem pragmático. Já da perspectiva marxista, interessou-me resgatar a forma como este contextualiza, a partir do referencial das condições materiais de existência, as relações sociais dentro de uma ordem competitiva, impregnada pela lógica da mercadoria, inerente ao modo de produção capitalista.

Nas análises referentes às relações interfamiliares ou de vizinhança no espaço dos cortiços, a teoria da identidade permitiu-me analisar as formas de sociabilidades que se criam na localidade onde os sujeitos habitam. Compondo e definindo as identidades sociais, o espaço físico materializa as hierarquias do mundo social e sua utilização responde à condição social dos sujeitos, sendo definidor, outrossim, do lugar que ocupam na sociedade.

Por fim, as reflexões sociológicas sobre família desenvolvidas por autores como Bourdieu evidenciaram a complexidade que envolve essa categoria analítica. Autores mais

contemporâneos como Sarti, Bilac e Durham, que tratam o tema das relações familiares, especificamente ligados à família pobre brasileira, permitiram-me reflexões sobre essas formas de organizações e de sociabilidades familiares.

### **3. Familiarizando empiricamente com o objeto**

O percorrer a pé, deliberada e demoradamente, alguns bairros (Brás, Pari, Mooca e Lapa) da cidade de São Paulo, tidos na literatura da sociologia urbana como regiões de grande concentração de cortiços e o estabelecer conversas informais com os moradores daqueles imóveis foi uma ação importante para a construção da maior proximidade com a realidade desse fenômeno urbano e com a realidade das famílias e, ainda, para um maior discernimento e esclarecimento quanto às questões a serem trabalhadas no projeto de pesquisa.

Ainda nessa fase exploratória, realizei os primeiros contatos com a entidade representativa do movimento dos moradores de cortiços em São Paulo, a ULC – Unificação das Lideranças dos Cortiços. A intermediação da Associação foi fundamental na seleção dos cortiços que comporiam minha amostra.

Alguns critérios foram eleitos para seleção dos cortiços. Priorizei as edificações exploradas pelo proprietário através do aluguel ou fruto de processos de ocupação de sem-teto e, ainda, que apresentassem diferentes condições de habitabilidade. Acreditava que uma amostra mais heterogênea no que diz respeito às características dos imóveis, às condições socioeconômicas dos moradores e à localização urbana trouxesse diferenciações quanto aos aspectos de sociabilidade nesses espaços.

Tomei, então os quatro cortiços para estudo, o do “Quintal”, na Vila Alpina; o do “Pombal”, na Mooca; o do “Cortiço da Igreja”, na Sé, e o do “Casarão”, no bairro Campos Elíseos. Esses imóveis apresentaram situações distintas no que diz respeito aos aspectos de sua inserção no bairro e quanto ao tipo de exploração dos imóveis.

Alguns critérios foram construídos para seleção das famílias que comporiam a amostra, conforme descrição a seguir. Os primeiros contatos permitiram verificar que, mesmo dentro dos cortiços, havia diferenciações sociais entre os moradores. Assim, procurou-se selecionar famílias dos mais diferentes pontos dos imóveis. Decidiu-se que se entrevistaria um dos cônjuges ou um dos responsáveis pela família presente e disponível na ocasião da

entrevista. Foram feitas 28 entrevistas (28 unidades residenciais), envolvendo um total de 91 pessoas. Esta amostra intencional não tem validade estatística, já que as estimativas de população residente em cortiço variam entre 600 mil a 1 milhão de moradores na cidade de São Paulo.

#### **4. Apresentando os cortiços**

##### *- O Bairro da Mooca e o Cortiço “Pombal”*

O primeiro cortiço estudado foi o “Pombal”, localizado no bairro da Mooca. Este bairro situa-se na região Leste de São Paulo, no Anel Central da cidade. Os cortiços fazem parte da história desse bairro já no começo do século, tendo se formado em meio a indústrias e residências, sobretudo aquelas populares. Determinante na estruturação do bairro, a ferrovia, instalada em terrenos pouco valorizados, atraiu para suas margens as indústrias implantadas nos fins do século XIX e no começo do século XX, quando houve o surto do desenvolvimento industrial. Além da presença da ferrovia, o preço baixo dos terrenos e a proximidade das indústrias foram fatores que atraíram a construção de casas operárias junto às fábricas. Ainda hoje muitas indústrias se mantêm ali nas mediações, embora o comércio tenha alcançado crescimento muito significativo.

Os cortiços surgiram, na sua maioria, no período de consolidação do bairro, que se caracterizou por abrigar residências, sobretudo aquelas do operariado, notadamente da indústria e em menor escala do comércio. Na ocasião, a população do bairro incluía, além desses trabalhadores (a maioria, imigrantes italianos), outros segmentos de camadas de renda mais alta. Os imóveis concebidos como cortiços constituíam a forma de habitação do operariado das indústrias. Foram, assim, partes integrantes dos imóveis do bairro, diferentemente daqueles cortiços resultantes da deterioração de áreas urbanas ou de imóveis.

O imóvel que fez parte de nossa amostra, também conhecido pelos moradores como “Pombal”, está localizado na rua Madre de Deus, 704, esquina com Visconde de Inhomirim, 756. A estrutura física do imóvel é a de um antigo cinema, que foi aproveitado e adaptado para uso residencial, através de sua divisão em cômodos de aluguel. Nenhum dos moradores ou mesmo o atual proprietário soube precisar a época em que se iniciou o processo de encortiçamento, mas acreditavam que ele tenha se iniciado por volta de fins da década de 80.

O prédio compõe-se de três andares, sendo o andar térreo explorado como estacionamento. Os dois andares superiores eram explorados para fins residenciais, por meio do aluguel dos seus dezesseis cômodos (oito em cada andar). A precariedade das condições de moradia desse cortiço pode ser observada no número dos equipamentos que eram coletivizados com os moradores daquele imóvel. À época das entrevistas, havia dois banheiros de uso coletivo – um em cada andar – que funcionavam precariamente. Ainda fazendo parte da área de uso coletivo dos moradores, havia dois tanques de lavar roupa e dois tanques de lavar louça.

A exploração do imóvel por aluguel era feita diretamente pelo proprietário, que residia também no imóvel. À época das entrevistas, havia dezesseis famílias residindo no prédio.

*- O Bairro da Sé e o Cortiço da “Igreja”*

Outro cortiço que fez parte do nosso estudo foi o da “Igreja”, localizado na rua do Carmo. O imóvel tomado para este estudo é do número 198, localizado na rua do Carmo. O prédio é uma construção de Taipa de Pilão datada do final do século XIX. A Prefeitura de São Paulo adquiriu o imóvel a partir de um processo de licitação. A partir daí, foi feita uma série de reformas no imóvel, que, na ocasião, encontrava-se em péssimo estado de conservação, apresentando situações de risco aos moradores. O cadastramento das famílias já moradoras permitiu-lhes a regularização de sua situação e o direito de usufruto dos cômodos, sem propriedade. Atualmente, os moradores dos 32 cômodos não pagam aluguel, mas se responsabilizam pelas despesas de manutenção do prédio. Depois da reforma, vários cômodos foram conjugados, o que permitiu aumentar a área de usufruto individual de cada uma das famílias. No conjunto existem três banheiros – dois no térreo e um no primeiro andar (somente dois chuveiros), disponíveis para as 32 famílias (aproximadamente) que, na época residiam no cortiço. Sem terem despesas com o aluguel, os moradores se encarregam das despesas com água e luz. Para recebimento do dinheiro para o pagamento destas despesas e daquelas relativas à manutenção do prédio, os moradores se organizaram e elegeram alguém, entre eles, que se encarregasse dessas tarefas.

Neste cortiço, registra-se um grande número de moradores vindos de uma mesma localidade: Ipirá, Bahia. Segundo os entrevistados, as primeiras famílias de migrantes que se estabeleciam abrigavam em suas casas amigos e parentes provenientes daquela

localidade, que chegavam a São Paulo à procura de emprego. Na avaliação dos moradores, o percentual de famílias vindas daquela cidade chega a 80% dos residentes.

*- O Bairro de Campos Elíseos e o Cortiço “Casarão”*

O terceiro cortiço que fez parte do nosso estudo foi o “Casarão”, localizado no bairro Campos Elíseos. No final do século XIX, até aproximadamente 1930, nos tempos áureos do café, o bairro de Campos Elíseos foi símbolo da elite cafeeira da cidade de São Paulo. Naquela época, a região era conhecida por seus belíssimos casarões. Atualmente, muitos desses imóveis ainda resistem de pé, ainda que deteriorados. A valorização de novas áreas pelo mercado imobiliário e o descaso dos proprietários e das autoridades municipais e estaduais competentes para a conservação do centro antigo, a despeito do seu valor arquitetônico e cultural, trouxeram a desvalorização do bairro.

Ao longo do processo de desvalorização do bairro, aos poucos, os antigos casarões de Campos Elíseos foram sendo ocupados por várias famílias, que, sem terem para onde ir, sujeitaram-se às atuais condições de precariedade de infra-estrutura desses imóveis. Atualmente, a prefeitura e o governo do Estado, numa ação conjunta de revitalização do Centro Antigo da cidade, têm implementado vários projetos de reforma e restauração de parte desses imóveis.

O cortiço que se tomou para este estudo é o casarão da Alameda Ribeiro da Silva, 180, que data, aproximadamente, do final do século XIX. Seu processo de encortiçamento se deu a partir do abandono da edificação – fato que permitiu a instalação das famílias que lá vivem. A precariedade física do imóvel é visível da rua. Além dos dois pavimentos e do sótão, são também utilizados dois cômodos no fundo do imóvel. À época das entrevistas, dez famílias estavam morando no imóvel.

Os cômodos, na sua maioria, sofreram alguma modificação por iniciativa dos moradores, na tentativa de adequar o espaço às necessidades das famílias. Em relação aos equipamentos hidráulicos, os banheiros, de uso coletivo, tinham sido desativados há três meses, pois a água havia sido cortada pela Secretaria de Abastecimento do Estado de São Paulo (SABESP) por falta de pagamento. A ausência de água estava provocando a saída da maioria dos moradores do prédio. Atualmente, apenas dez famílias residem no prédio. Essa situação levou-os também a desenvolverem algumas estratégias para suprir a ausência de água. Segundo informações de alguns moradores, eles utilizavam os pequenos hotéis da



redondeza para o banho. Essa ‘estratégia’ era uma negociação com os zeladores dos hotéis próximos ao imóvel, mediante um pagamento de dez reais mensais por família (obviamente, sem o conhecimento ou consentimento do proprietário). Sempre à noite, horário em que o proprietário não se encontra, os moradores se revezam, chegando em pequenos números, já que um grande grupo chamaria a atenção das pessoas. Para suas necessidades fisiológicas, utilizavam os sanitários dos bares da região ou defecavam em caixas de papelões, que eram atiradas no próprio quintal ou na rua. A água para uso doméstico era conseguida a partir da compra de galões, recolhida da chuva ou, ainda, a partir de doações dos moradores do bairro. O recolhimento do lixo era feito diariamente pela prefeitura; no entanto, segundo os próprios moradores, a colocação do lixo na calçada para o seu recolhimento não era uma prática usual entre os vizinhos. Ao invés disso, lançam-no no próprio quintal, obrigando-os à convivência com esses detritos. Durante os dias das entrevistas, observou-se que, na maior parte do tempo, tanto os adultos como as crianças permaneciam na área externa da habitação, apesar do lixo e dos detritos ali presentes.

As duras condições estão também relacionadas ao convívio freqüente com a violência e as drogas. Ocasionalmente, a polícia faz “batida” no local – segundo os moradores, alguns vizinhos são envolvi-dos, seja pelo uso ou pelo tráfico da droga. A convivência com a polícia faz parte do cotidiano do grupo, já que as atividades ilícitas e os constantes conflitos intrafamiliares e com a vizinhança fazem com que recorram às autoridades com maior freqüência.

*- O Bairro de Vila Alpina e o Cortiço “Quintal”*

O quarto e último cortiço que fez parte do nosso estudo foi o “Quintal”, que leva esse nome por causa da sua organização espacial. São várias edificações de um único pavimento, do tipo meia-água, que foram construídas de um lado e de outro do lote deixando um pátio no centro. O imóvel está localizado na rua das Alfazemas, 311, no bairro de Vila Alpina, que está sob a administração regional do distrito de Vila Prudente, na região sudeste da cidade. Atualmente, residem nesse conjunto de pequenos imóveis 15 famílias. A edificação é explorada diretamente pelo proprietário, que é quem recolhe os aluguéis. Segundo os moradores, o número de equipamentos hidráulico e sanitário atende relativamente às necessidades das famílias. Os tanques de lavar roupas e de lavar louças, apesar de localizados na área externa, são de uso individual das famílias. O banheiro é

coletivo, muito embora o número de famílias que utilizam este cômodo seja menor, comparando-se com os outros cortiços deste estudo – quatro famílias para cada banheiro.

#### **4. Apresentando as famílias**

A maioria das famílias é originária dos estados da Bahia (46,4%), São Paulo (21,4%) e de outros estados (21,4%). Na sua sobrevivência, o trabalho desempenha para as famílias um papel importante, não somente no que se refere à obtenção de renda como também na integração social das famílias e na formação de identidades individuais. A maioria desempenha atividades no setor de prestação de serviços que, freqüentemente, requer baixa ou nenhuma qualificação. A inserção no mundo do trabalho para o grupo das famílias se evidencia dentro de condições de precariedade e de inclusão marginal – a maioria desenvolve trabalhos informais, esporádicos, extemporâneos, de baixo prestígio social, sem uma relação empregatícia que lhes assegurem o mínimo de garantias e/ ou, benefícios sociais.

Quem tem um trabalho ou uma atividade remunerada, mesmo no mercado informal, acaba se tornando detentor de um capital em potencial. Em relação aos membros das famílias que trabalhavam no mercado formal de trabalho, a maioria estava empregada há menos de um ano. Metade do grupo dos entrevistados está à procura de emprego, percentual que diz respeito, inclusive, àqueles que estão trabalhando em alguma atividade remunerada. O trabalho regular no mercado formal, o “serviço direto”, é tido, muitas vezes, quase como um sonho. Muitos sequer chegaram a exercê-lo.

Contudo, embora sonhado, o trabalho regular não deixa de ser também fonte de precariedade. No caso de dona Ilma, moradora do cortiço na Mooca, como doméstica, continua experimentando, como antes, enquanto trabalhadora rural, a pobreza material e o sentimento de desvirtuamento que o trabalho pouco qualificado e de baixo prestígio lhe impõe:

Eu nunca trabalhei em outro lugar se não for na roça! Sempre na roça! Porque toda vida só teve serviço de roça! Tem serviço assim de fábrica, mas não é pra gente. É pra gente mais importante! Não é qualquer pessoa que entra. Então era só serviço de lavoura mesmo! (Sra Ilma, 42 anos, Mooca).

A renda média geral das famílias esteve em torno de 2,33 Salários Mínimos (65% tinha renda concentrada entre 1 a 3 S. M). Em ordem decrescente, as faixas de renda mais altas

foram encontradas nas famílias residentes nos cortiços da Vila Alpina, Sé, Mooca e Campos Elíseos. Os gastos com aluguel estiveram em torno de 0,75 S.M.

Em relação à escolaridade, 85,7% sequer concluíram o 1º grau. O número de filhos dos entrevistados variou de 0 a 6 filhos, com média de 1,2 filhos. Os arranjos familiares identificados foram: nucleares (42,8%), unipessoais (21,4%), ampliadas (14,3%), monoparentais (14,3%) e aqueles compostos pela junção de dois ou mais parentes (7,14%).

### **5. A formação dos vínculos, as formas de sociabilidade e a construção das identidades nos cortiços**

A análise dos dados permitiu revelar alguns dos elementos do campo representacional associados às famílias que servem de orientação às suas relações internas. Pode-se dizer que os elementos fundantes dos vínculos familiares se estabelecem, sobretudo, no universo dos valores tradicionais que se colocam como suporte às relações sociais internas no grupo, permitindo viabilizá-lo e dar-lhe sustentação. A noção de obrigação torna-se essencial à idéia de parentesco, sendo determinante, em muitos casos, à sobrevivência do grupo familiar, conforme mostra a fala do Sr. José: *“Porque meus filhos, qualquer um ‘aperreio’, eles tem que estar mesmo é comigo! Ou que queira ou que não queira tem que estar”*.

A incorporação de novos padrões de comportamento não está associada à negação dos padrões tradicionais, e sua ressonância no meio urbano evidencia que estes continuam a ser suporte das relações familiares. A noção de família se define, sobretudo, em torno de um eixo moral. Nessa ordem tradicional, o princípio da reciprocidade é complementar à noção de obrigação. Entretanto, os vínculos podem ser rompidos se, freqüentemente, não se estabelecem relações de troca com os parentes (sobretudo os parentes fora do núcleo familiar), ou seja, se com eles não for possível “dar, receber e retribuir”. Nesses termos, as relações entre os parentes são, na maioria das vezes, dependentes de como se estabelecem as obrigações mútuas na rede de sociabilidades.

As ajudas dos familiares estiveram freqüentemente associadas às necessidades básicas da família. Os vínculos familiares, principalmente os que dizem respeito à família nuclear, permanecem como importantes referências tanto do ponto de vista simbólico quanto da manutenção do grupo. Em relação aos membros do grupo, os laços entre pais e filhos são socialmente diferenciados dos outros parentes consangüíneos. Dos filhos, espera-se que,

quando possam ou quando haja necessidade, contribuam com os pais, mesmo quando distantes. A fala do Sr. José é emblemática nessas diferenciações:

Os parentes tudo são, tudo são bom pra mim, tudo! Tudo, nós se gosta... Nós tudo se gosta. Acontece que, principalmente mesmo, a família mesmo é os filho, né? Porque meus filho, qualquer um 'aperreio', eles tem que estar mesmo é comigo! Ou que queira ou que não queira tem que estar! Já irmão, irmã, não é assim. E o filho não pode nem pensar nada, né? 'É meu pai, tenho que cuidar!'. Eu tenho meus irmãos e minhas irmã, mas ter os meu filho que é mais família, né? (Sr. José, 53 anos, Campos Elíseos).

As ajudas entre parentes, no entanto, não se estabelecem freqüentemente sem conflitos ou tensões. O caráter de obrigatoriedade de ajuda na família significa, em grande medida, a sobreposição dos projetos coletivos em detrimento dos projetos individuais. Na prática, o estabelecimento das ajudas pode ocasionar conflitos e divergências no grupo, relacionadas, na maioria das vezes, à invasão do espaço pessoal e à privacidade dos indivíduos, à escassez de recursos materiais e às condições de pobreza das famílias. Nos depoimentos, especialmente dos pais, evidencia-se, freqüentemente, a tensão entre a obrigatoriedade de ajudar os filhos e o abandono (pelo menos temporário) dos projetos pessoais. A obrigatoriedade de ajuda aos parentes, para dona Severina, entra em conflito com o desejo pessoal de manter um quarto só para si, de ter privacidade e intimidade. O cortiço se apresenta para ela como a única possibilidade de ter "um quartinho todo seu":

Porque eu gosto assim, de deitar no meu quartinho, trancada. Me deitar, ouvir minhas 'musiquinha', e com muita gente dentro de casa não consigo viver muito assim, sabe? Aí eu gosto quando é mais tranqüilo, ficar aqui sozinha. Mas daqui a uns dias a Edilene está saindo também pra morar no cantinho dela também. Pra morar no cantinho dela também. E aí, eu vou ficar sossegada! (Sra. Severina, 46 anos, Mooca).

Por outro lado, estar na posição de doador é mais confortável que a de receptor. A posição de beneficiário impõe uma obrigação moral de retribuir, posição que gera uma dependência pessoal, que confirma o beneficiário dentro de uma posição de inferioridade, mesmo entre parentes. Por isso, faz-se de tudo para não se colocar nessa posição, conforme mostra o depoimento de dona Ilma:

(...) Tem minha irmã aqui mas eu não conto com ela pra nada! (...) Eu procuro não depender dela pra um tostão. Tanto que eu faço tudo pra não precisar dela pra nada, entende? Antes eu quero assim que ela depende de mim. (Sra. Ilma, 42 anos, Mooca).

Não se pode analisar o fenômeno das trocas exclusivamente do ponto de vista da equivalência das trocas que suscitam. Conforme pontua Godbout (1999), são as características dos vínculos pelos quais circulam as coisas e os serviços é que dão sentido àquilo que circula. No caso das famílias ou dos indivíduos que receberam ajudas dos

parentes em quaisquer âmbitos das suas necessidades básicas – cuidados com os filhos, com a casa, com a alimentação etc., – mesmo que desembolsem algum dinheiro para pagá-los, o vínculo de parentesco e afetividade que os une faz com que estas atividades sejam desempenhadas de forma diferente, dando um outro sentido à ação.

A perda ou enfraquecimento dos vínculos implica também perdas pessoais para os indivíduos. Observou-se que, à medida que se fragmentam as redes de relação dos indivíduos (amigos, vizinhos, trabalho), somada ao rompimento ou fragilização dos vínculos familiares há uma tendência ao isolamento-exclusão dos indivíduos. “A pobreza nesse caso tende a transformar-se igualmente em pobreza relacional”, nos termos de Kaufmann (1994:599). No caso de uma das entrevistadas, a Sra. Maria, residente no cortiço em Campos Elíseos, as mudanças nas relações com os parentes, sobretudo depois da sua separação, são definidas da seguinte forma:

Mudou pra tudo! Era todo mundo reunido – pai, mãe, filho! Foi todo mundo pro saco!!! Num mudou??? (Sra. Maria, Campos Elíseos).

No que diz respeito à sociabilidade na vizinhança, pode-se afirmar é grande o desgaste público entre os moradores, favorecido, sobretudo, pela proximidade do espaço, pelos encontros diários e freqüentes. Os moradores vivem o conflito da aproximação e do distanciamento. Ora a sociabilidade tende a se colocar de forma intensa e próxima, facilitada, inclusive, pela estrutura física da habitação e pela necessidade de utilização das áreas comuns, ora os indivíduos tendem a se distanciar, no intuito de evitar a todo custo a exposição pública de si – palavras e comportamentos – “não deixar cair as máscaras”. Isso se dá, sobretudo, pelo receio de uma intensa sociabilidade e a perda conseqüente da privacidade, do “falatório”, da fofoca. Assim, os indivíduos acabam desenvolvendo comportamentos mais distantes como forma de garantir a privacidade e preservação de um espaço de intimidade pessoal.

Completando, conforme Richard Sennet, “quando todos estão se vigiando mutuamente, diminui a sociabilidade”:

as pessoas são tanto mais sociáveis quanto mais tiverem entre elas barreiras tangíveis (...). Os seres humanos precisam manter uma certa distância da observação íntima por parte do outro para poderem sentir-se sociáveis. Aumentem o contato íntimo e diminuirão a sociabilidade. (Sennet, 1988:29).

De outro lado, a análise do cortiço enquanto um território identitário está também relacionada às especificidades de se morar em um cortiço e do que seja ser um encortiçado.

Não ter casa e ter que “viver de aluguel” significa não ter também estabilidade de moradia, pois se pode ser despejado de um dia para o outro. E esta é uma possibilidade sempre presente, já que o trabalho irregular e esporádico não dá garantia de que, ao final do mês, ter-se-á o dinheiro para pagar o aluguel. Além disso, o cortiço é um mercado informal de locação. Como tal, os locatários estão mais sujeitos aos despejos, já que não têm nenhuma disposição jurídica regularizando esse negócio. Assim, as trajetórias residenciais das famílias caracterizadas pelas várias mudanças evidenciam a necessidade premente de compatibilização do valor do aluguel aos salários reduzidos. A transitoriedade que identifica a condição do morador de cortiço pode fazer desses territórios “espaços neutros”, segundo a expressão de Richard Sennet (1988), destacados de todo passado, se prestando mais à função de “alojamento”, “onde a soma dos espaços de habitação engendra mais servidões de coexistência do que meios de existência coletiva e de socialização” (Sennet, 1988). Nessa transitoriedade que caracteriza a situação de moradia, os moradores de cortiço, freqüentemente, não constróem uma referência básica comum em torno do local de moradia.

Enquanto moradores de cortiço, estas pessoas têm uma forma peculiar de inserção na cidade: marginal e estigmatizada. São moradores do bairro, mas não têm os recursos materiais e financeiros que lhes permitam o acesso digno à moradia, lazer, escolas, saúde, alimentação. Consoante esse processo de exclusão ou inclusão marginal, coloca-se a relação que esta população pobre tem com o resto da sociedade. O estigma que carregam na condição de “encortiçados” se revela nas falas dos moradores. O cortiço coloca-se como o território determinante da posição que o indivíduo ocupa na sociedade. O indivíduo vale pelo lugar onde mora. Os moradores sentem o peso dessa diferenciação social: “*Eles (os moradores do bairro) não olham com bons olhos não! As pessoas acham que todo mundo aqui é favelado, pensa que todo mundo aqui é marginal....*” (Sr. Souza, 63 anos, Campos Elíseos).

O estranhamento que permeia as interações sociais no mundo da rua, muitas vezes, se mantém entre os moradores – consequência da heterogeneidade social resultante de histórias de vida distintas entre si, mas também de outras dimensões elementares dessa heterogeneidade. Ou seja, nos cortiços estão presentes diferenciações socioeconômicas e culturais que convivem em um mesmo espaço, o que pode ser visto no tipo de configuração familiar, nas diferentes etnias e religiões, nas diferentes regiões de origem; no grau de escolaridade, etc. Essas diferenças de biografias e, portanto, de padrões de

comportamentos sociais distintos encontram-se num novo processo de interação social no âmbito do cortiço. As possibilidades de identificação social e de coesão social que essa interação social poderá proporcionar dependem das novas experiências sociais que essas pessoas vivenciam umas com as outras. (Berger e Luckman, 1998).

Nas interações que as famílias estabelecem entre si, muitas delas acabam por identificarem-se entre si em função das afinidades que supõem (subjetividade) existir entre elas, num determinado plano social de suas vidas, seja o parentesco, o religioso, o trabalho, o lazer. A noção de identificação social expressa, de forma situacional, ora afinidades decorrentes das relações sociais de produção e dos hábitos de trabalho, ora dos valores sociais e morais típicos de uma dada região do país, ora do parentesco, ora da religiosidade, etc. As ações que têm probabilidade de ser reciprocamente tipificadas serão aquelas que são importantes para as pessoas envolvidas. Um importante elemento na composição das relações identitárias entre os moradores se estabelece a partir do valor atribuído ao trabalho. O trabalho honesto é muito mais do que o instrumento da sobrevivência material, mas é condição de sua autonomia moral, ou seja, da afirmação positiva de si.

## **6. Conclusões**

Ao se observar as relações de sociabilidade entre moradores de cortiços, evidenciou-se que a maioria das trocas relacionadas pelas famílias define ajudas que não envolvem despesas. As dificuldades econômicas das famílias restringem, em grande medida, as ajudas em outros aspectos. Diante das dificuldades materiais não só de oferecer, mas de retribuir ajudas, tornou-se uma fonte de tensões o próprio princípio de reciprocidade que molda, em grande medida, as relações sociais entre iguais, visto que pedir favor implica a obrigação moral de retribuir. Na fala dos entrevistados, evidencia-se a tensão permanente entre a solidariedade como ideal e a dificuldade não só de oferecer, mas de retribuir ajudas.

Concluindo, pode-se afirmar que o princípio da reciprocidade, tão caro às famílias de origem popular, é re-significado, a partir da precariedades das condições materiais em que vivem estas famílias. Pedir favor deixa de ser um atributo da cotidianidade, algo banal, para se tornar uma moeda de troca, racionalmente utilizada no cálculo em prol da sobrevivência.

**Referências bibliográficas**

ASSMANN, H. SUNG, J. Mo. *Competência e sensibilidade solidária: Educar para esperança*. Petrópolis: Vozes, 2000.

ATTIAS-DONFUT, C (dir). *Les solidarités entre Générations. Vieillesse, Familles, État*. Nathan, 1995.

AUTÈS, M. Gênese de uma nova questão social: a exclusão. In: *Lieb social et politiques – RIAC nº 34*) tradução: Maria Ruth Alves, mimeo, 1995.

BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade*. 15. ed. Trad.: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1998.

CANEVACCI, M. *Dialética do indivíduo*. O indivíduo na natureza, história e cultura. Trad.: Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1981.

GODBOUT, J.T. e CAILLÉ, A. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1999.

KAUFMANN, Jean-Claude. Vie hors couple, isolement et lien social: figures de l'inscription relationnelle. *Revue Française de Sociologie*. XXXV, 1994, 593-617.

PINTO, Neide Maria de Almeida. Entre a proximidade e o distanciamento – um estudo das relações sociais de famílias residentes em cortiços na cidade de São Paulo. São Paulo, 2002. 178f. Tese (Doutorado em sociologia), PUCSP.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 3 ed. São Paulo: Nobel, 1996.

STOLCKE, V. *Cafecultura: homens, mulheres e capital (1850-1980)*. Trad.: BOTTMANN, D.; MARTINS FILHO, J.R. São Paulo: Brasiliense, 1986.

VÉRAS, M. P. B. Territórios de exclusão em São Paulo: Cortiços como espaços da alteridade e da segregação. Tese apresentada ao concurso de titular. Departamento de Sociologia, São Paulo: PUCSP, 1999.

SENNET, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. Trad.: REIS, S.M. In: VELHO, O.G. *O fenômeno urbano*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.